

OFICINAR CORPOS: CONTÁGIOS E PROLIFERAÇÕES DA ESTÉTICA DE SI

1. Introdução

Não raras vezes, vimos, na história, práticas clínicas segregadoras em relação à loucura, que propõem uma humanização, mas que, na verdade, reforçam o estigma e o preconceito, e estimulam modos disciplinadores e excludentes. Isso foi reforçado no modelo hospitalocêntrico de cuidado do doente mental, que pretendia mantê-lo longe do convívio social. Foucault já utilizava o termo “corpos dóceis”, para discutir os corpos tornados úteis ao sistema, pois sua força física era aumentada e sua força política diminuída. Também em relação ao Hospital Psiquiátrico, isso ocorria, ou seja, corpos eram transformados em dóceis, disciplinados, para absorver modos de disciplina e controle. .

Nesse sentido, as discussões referentes à políticas de desinstitucionalização e à Reforma Psiquiátrica visam uma transformação dos modos de cuidado do doente mental. Portanto, as políticas de intervenção em Saúde Mental vêm ampliando o leque de ações para o portador de sofrimento psíquico grave. Portanto, é preciso ampliar o olhar sobre o sujeito adoecido e também transmutar as formas de intervenção. Nesse ponto, temos tentado complexificar os diálogos entre os fazeres clínicos e as expressividades artísticas, no intuito de construir novas maneiras de intervenção e ação, que buscam uma maior autonomia do sujeito e de uma construção de laços com a cidade. Isso porque a arte, em sua potência de criação e desprendimento de antigos códigos, pode se tornar uma aliada na construção de novas possibilidades para o sujeito em crise. Portanto, um dispositivo ético-estético, no caso, a dança contemporânea, pode indicar outras práticas inventivas, que priorizam uma clínica que se passa pelo corpo e que produz novos processos temporais, abertos à criação e a novos potenciais expressivos. Aqui, a lógica não se passa mais pela disciplina e pela punição, mas pela composição de novos laços afetivos com o grupo e com a estética da dança.

2. Objetivos

O presente trabalho, baseado no projeto de tese, busca discutir a intervenção por meio da dança contemporânea, da clínica ampliada e da linguagem digital, no sentido de pensar sobre os efeitos produzidos e os modos de saúde criados. Procuramos construir uma cartografia acerca dos processos vivenciados em um grupo de expressão corporal realizado em um CAPS (Centro de Atenção Psicossocial) sob minha coordenação. Utilizamos um embasamento prático-conceitual, alicerçado na Filosofia da Diferença, que nos auxilia como ferramenta para a construção de um pensamento crítico e inventivo. Para tanto, tentamos discutir os desafios ético-estéticos que envolvem o próprio ato da escrita, com seus desafios e desdobramentos da função-autor. Lançamos a potência do dançar e do oficiar ao problemático de Gilles Deleuze, para compor um conjunto de constelações-problema, que se desdobram em questões de discussão sobre a estética e a clínica ampliada.

3. Método

Seguimos discutindo o método da cartografia, como uma produção de conhecimento disposta a transitar na potência da criação e da composição de

um território estético. Olhamos para um campo problemático, ao mesmo tempo em que interferimos nele e também somos afetados. Assim, o cartografar se compõe em ato, enquanto acompanha os processos de movimento da subjetivação. Além disso, entramos nas discussões que envolvem os corpos da psicose, uma vez que mapeamos a experiência da loucura, em seus adoecimentos e potência de transformação. Pensamos nos sujeitos que vivem os desatinos da destruição, mas podem compor uma nova dobra, a partir do encontro com a arte ou com um agenciamento do si. Seguimos com uma discussão que envolve o cotidiano de um CAPS, com seus modos institucionalizados e suas linhas de fuga. Desse modo, mergulhamos na experiência da Oficina, com o intuito de perguntar sobre os efeitos produzidos em um corpo que se lança às aventuras do dançar e do estar em grupo. Este pode ser expresso enquanto um dispositivo clínico de cuidado. Além disso, problematizamos a tecnologia digital, através da fotografia e da filmagem, como uma nova linguagem produtora de outros afetos e críticas acionadas pelos integrantes. Mapeamos os tempos e acontecimentos da Oficina, desde o aquecimento inicial, quando se prepara corpo e pensamento para o dançar coletivo, passando pelas experimentações de gestos e movimentos inventados, além do ensaio da coreografia. Esta vai sendo composta pelos integrantes e pela coordenação do grupo. Ainda, tiramos fotos, fazemos pequenos vídeos, assistimos aos ensaios e discutimos sobre nossas criações, com o intuito de compor um espaço/tempo de compartilhamento e discussão, que transforma o grupo, de pacientes a bailarinos do dançar e do existir.

Entendemos a arte dançada e a imagem digitalizada como um dispositivo de subjetivação, além da produção de um modo-grupo, que transforma gestos e corpos, bem como produz a potência do dançar, do coreografar e da possibilidade de coletivizar a diferença expressa em coreografia e linguagem. Discutimos a clínica do sensível, por meio da cartografia do Grupo Contágio, que produz uma zona imagética e conceitual, composta por gestos criados e palavras compartilhadas. Os personagens conceituais nos ajudam a visualizar transformações e alterações, em um modo grupo envolto em aventuras e proliferações. Trata-se, então, de pensar de que maneira esse “estar em grupo” produz novos modos de ser, outras expressividades, que vão além da loucura, no sentido de uma experimentação estética do si.

4. Resultados

Gradativamente, na Oficina, podemos perceber as temporalidades que invadem o movimento dançado, ou seja, o sujeito passa por um processo de “duração”. Deleuze discorre sobre o tempo enquanto “duração”, um conceito de Bergson, um processo de dissolução e de criação. Não seria, então, um corpo preso em uma identidade, mas um sujeito que experimenta uma passagem, uma mudança, um devir que dura e mantém o seu movimento de expressão. Ora, quando o corpo é atravessado pelos modos disciplinares, essa lógica penetra suas formas e forças, bem como o transforma em docilidade e utilidade. O corpo da psicose, por sua vez, perde limites e sofre tensões, ao entrar em contato com as forças caóticas de um Impessoal que o move para direções ininterruptas. Nesse caso, um aspecto do traço esquizofrênico seria o corpo-coador. Trata-se de ter a pele perfurada por uma infinidade de buracos. Por essa via, o corpo traga a própria superfície. Nesse sentido, escancarado,

aberto ao caos, o corpo suga tudo, não há limite, tampouco filtragem, pois tudo passa. É preciso, pois, criar novas formas de proteção.

Desde o início do Grupo Contágio, muitos usuários do CAPS tentaram se aproximar. Alguns logo desistiram, outros foram tentando por mais tempo. Alguns componentes do grupo estão até o presente momento e demonstram ser a imagem do grupo, o que supõe a construção de uma pequena história, que se faz por meio de acontecimentos, coreografias, ensaios, encontros e transformações. Percebemos, pois, muitas transformações no grupo. De início, mais dependente e receoso do porvir. Gradativamente, os pacientes foram se tornando bailarinos e passaram a arriscar-se em novos movimentos de autonomia e de criação. Isso implica uma invenção de gestos que se transformam em ação dançada, além de palavras e dizeres que problematizam a Oficina e exigem um pensar constante sobre o fazer. Vivemos, pois, as alegrias e as aventuras do “estar em grupo”, em sua potência de afecção e recomeço.

Além do âmbito coletivo, incontáveis e sutis são as transformações em caráter singular. Muitos integrantes foram expressando mudanças que passam a ser visíveis em seu corpo, ou seja, uma maior flexibilidade, desenvoltura e consistência de gestos e ações. Também percebemos transmutações da subjetividade, que mudam a auto-estima, produzem autonomia e expandem a vida. Bailarinos vão ensaiando coreografias e transpondo limites, pois desejam serem vistos pela cidade, sair do CAPS, habitar uma zona intermediária entre a arte e a potência de variação.

5. Conclusão

Na Oficina de Expressão Corporal do CAPS, falamos de uma nova atualidade para o corpo, que se conecta com o paradigma estético e cria novos agenciamentos entre formas e forças. No grupo, não se trata mais de um corpo disciplinado, aprisionado na lógica disciplinar, mas sim, de um corpo da psicose, aberto, que começa a construir uma via de proteção intensiva para o caos que o perpassa. O sujeito passa a construir uma territorialidade estética expressiva para o desejo e a vida, ao criar novos movimentos de saúde criados naquele coletivo. Desse modo, o grupo passa por muitas experimentações, a fim de alterar nossas formas de relação com o mundo, além de complexificar os modos de cuidado do sujeito em sofrimento. Foucault diz que o cuidado de si é ético em si mesmo, porque supõe um trabalho de si sobre si, no sentido de supor uma prática reflexiva da liberdade. Ao mesmo tempo, cuidar de si requer o cuidado com o outro enquanto uma abertura ao outramento do sujeito, em sua capacidade de diferir e transforma-se. Assim, pensamos em modos de liberação do sujeito, quando ele se desprende de antigos aprisionamentos e se lança em um rol de novos agenciamentos maquínicos do corpo e da subjetividade. Trata-se, então, de pensarmos na estética da existência, que implica em uma relação consigo mais plástica, aberta à alteridade, envolta em novas práticas do existir e da criação de si.